

SLOTERDIJK: o fim da massa enquanto sujeito e o renascimento da sociedade das hordas

José Roberto Carvalho da Silva¹
Wellington Lima Amorim²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo central apresentar o fim das pretensões modernas de massa enquanto sujeito e o renascimento da sociedade de hordas em Sloterdijk. Para o autor de *O desprezo das massas*, no projeto da massa como sujeito, cada indivíduo deveria, junto aos outros, reconhecer-se responsável pelo funcionamento sistemático do Todo. Para Sloterdijk, depois do episódio dos totalitarismos do século XX, observam-se os limites desse projeto da razão que terminou em barbárie. Por isso, o fim da massa como sujeito corresponde a um estado de coisa no qual não existe mais a pretensão de política do “Grande”, pois o indivíduo pós-moderno somente tem diante de si um horizonte de compreensão que envolve apenas os valores da sua horda. Para Sloterdijk, como é dito em seu ensaio intitulado *No mesmo barco*, este acontecimento é próprio da sociedade industrial e da *hiperpolítica*.

Palavras-chave: Massa; Sujeito; Modernidade; Hordas.

Abstract: This article mainly aims to present the end of modern mass claims as a subject and the revival of hordes of society in Sloterdijk. To the author of *The Contempt for the Masses*. the mass of the Project as a subject, each individual should, with the others, be recognized for the systematic operation of the whole. To Sloterdijk, after the episode of the totalitarianism in the XX century, are observed the limits of this reason Project that ended in barbarity. Therefore, the end of mass as a subject corresponds to a state of affairs witch doesn't exist anymore the policy of pretense of the “Great”, because the postmodern individual only has before him a horizon of comprehension that involves just the values of your horde. To Sloterdijk. As it is said in his essay entitled *In the same boat*, this event is own of industrial society and *hyperpolicy*.

Keywords: Masse; Subject; Modernity; Hordes.

INTRODUÇÃO

Para Sloterdijk, a pretensão de uma massa enquanto sujeito foi um esforço moderno. Guiada pelo nacionalismo, a modernidade quis, em meio à industrialização da vida, alcançar uma forma de organização política homogênea. Sua lógica consistiria, ideologicamente, em desalienar o ser humano daquilo que o impedisse de se reconhecer como pertencente a um Grande. Desse modo, o sujeito seria um indivíduo consciente de

¹ Mestrando em Filosofia. Universidade Federal do Piauí. E-mail: j.roberto-10@hotmail.com

² Dr. em Ciências Humanas. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: wellington.amorim@gmail.com

sua função holística, cuja ação acarretaria em retornos favoráveis com um relativo sucesso político do Todo. Ora, pensar em ser sujeito junto à massa é pensar modernamente. Kant, no século XVIII, já dizia que agir como sujeito não é agir conforme o próprio desejo, mas segundo o imperativo categórico da razão universal. Portanto, trata-se de uma livre negação dos próprios interesses em nome de algo muito maior. Ser sujeito é, em última instância, ser livre para ser servo do bem comum. Após Kant, esta noção foi ainda mais radicalizada. Em Hegel, a ideia de sujeito encontra a sua sistematização no povo³, levada adiante pelos jovens hegelianos.

Em *O desprezo das massas*, Sloterdijk demonstra uma psicopolítica que resultou nos totalitarismos do século XX. A massa como sujeito já é em si uma contradição, uma vez que ela se movimenta, guiada por um líder espiritual e ao mesmo tempo político, não por orientação da razão, mas pelo arrebatamento narcísico alimentado pela bajulação. No entanto, Sloterdijk afirma que, na sociedade industrial e pós-moderna, esse ideal político chegou ao fim. Para o filósofo, a pós-modernidade é caracterizada por um acentuado desprezo das massas pelo envolvimento político no Grande, desprezo que se revela contra aqueles que a desprezam como massa alienada.

Sloterdijk admite que termos como “apolítico” ou “associal” nem de longe dão conta dessa nova massa, que não tem mais interesse em ajuntamentos políticos e não se sente mais pertencente a um Todo. Pois a nova massa é distribuída em hordas nômades e “coloridas”, ocupantes de *espaços* bem próprios e limitados. No ensaio *No mesmo barco*, Sloterdijk defende que esta é a verdadeira maneira de compreender a *hiperpolítica* da sociedade industrial pós-moderna, uma vez que os totalitarismos do ideal de massa como sujeito foi resultado de uma disposição da *política clássica* sobre esse estado de coisa para ela ainda incompreensível.

³ A noção de povo em Hegel e Marx é uma noção romântica da massa. O povo está relacionado a uma união espiritual da massa, que a transforma em sujeito.

O PROJETO MODERNO DA MASSA ENQUANTO SUJEITO

A sociedade massificada é uma das marcas da nossa era. Quanto a isso não restam dúvidas, haja vista a explosão demográfica dos últimos séculos. Porém, concomitante a isso, desenvolveu-se toda uma tradição teorizante, ávida em não se reconhecer na massa e ao mesmo tempo em querer emancipá-la. Dessa vontade de emancipação, surgiu o projeto moderno da massa enquanto sujeito. Para Sloterdijk, Hegel representa a sistematização desse projeto:

O que Hegel havia apresentado como seu programa lógico, a saber, desenvolver a substância como sujeito, se comprovou ao mesmo tempo como a mais poderosa máxima política da época que parece ser ainda a nossa – desdobrar a massa como sujeito. Ela afirma o conteúdo político para aquilo que, na modernidade, pode ser projeto. (SLOTERDIJK, 2002, p.11)

A ideia hegeliana é uma radicalização política daquilo que Kant compreendia ser o sujeito moral. O sujeito moral é aquele que age conforme a Lei moral como imperativo universal da razão. Ele não tem nenhuma relação com os interesses e sentimentos pessoais, mas somente com o que é objetivo. Para Kant, somente agindo moralmente é que o sujeito pode ser livre. Esta liberdade é o elemento principal da emancipação, a capacidade de pensar por si mesmo sem o auxílio de outrem. No entanto, ao pensar por si mesmo, o sujeito deve reconhecer o que está para além das suas contingências, e ser livre para servir o que manda a razão. No desdobramento da massa como sujeito, para Hegel esta razão se apresenta no Estado prussiano. Para Sloterdijk, esse desdobramento não poderia ser levado adiante se não houvesse um movimento teorizante de fundo que aniquilasse teoricamente toda a diferença vertical entre as pessoas, pois, afinal de contas, se a massa tem que se ajustar como sujeito, então todos devem possuir esta mesma capacidade. Desse modo, ele afirma que a antropologia foi a ramo do conhecimento moderno incumbido desta tarefa:

Como ciência de uma e universal natureza humana, a antropologia, que surge no século XVII e a partir do século XVIII triunfa, tornar-se ao mesmo

tempo a ciência da supressão da nobreza e do clero, e mais ainda a ciência da abolição de todas as supostas diferenças essenciais entre as pessoas. (SLOTERDIJK, 2002, p. 87)

A antropologia serviu na modernidade como conhecimento base das ideias de contrato social. Desse modo, a massa como sujeito se organizaria, onde as partes se reconheceriam como iguais e juntas, contribuindo para o bom funcionamento do todo político, tendo no Estado o seu elemento gerenciador. Cada indivíduo se reconheceria como uma peça na engrenagem, totalmente desalienado de sua função. Porém, para Sloterdijk, desde que o estar junto se tornou massificado, a tradição teorizante se dividiu entre estes dois tipos: os bajuladores e os desprezadores da massa. “*O que na modernidade se percebe nas lutas culturais e nos combates partidários ideológicos, na maior parte das vezes não passa de uma disputa entre ofensores e aduladores.*” (SLOTERDIJK, 2002, p. 38). Portanto, ao fundamentar a igualdade natural entre as pessoas, a antropologia estaria do lado dos bajuladores, rompendo com a ideia de verticalidade. No século XX, a bajulação das massas foi o dispositivo principal para o seu ajuntamento político. Esta foi a principal maneira que os líderes políticos encontraram para trazer para si o amontoado de gente, uma vez que o narcisismo da massa tende a desprezar quem o despreza. Porém, essa massa excitada pelo deslumbre do reconhecimento gerou os totalitarismos do século XX, algo que selou o fim do seu enquanto como sujeito.

O FIM DO PROJETO MODERNO A PARTIR DA BARBARIE DO TOTALITARISMO

Nas *Origens do Totalitarismo*, Hannah Arendt salienta que uma das características do poder total é o fato de ele ter tido amplo apoio das massas. Sloterdijk, embora sem a mesma orientação humanista de Arendt, em *O desprezo das massas*, aprofunda essa relação entre massa e totalitarismo, através de uma investigação psicopolítica. Ele questiona, afinal, como é que o projeto de uma massa como sujeito se transformou em fascismo? Após demonstrar sua face “fascistóide” (expressão usada por Sloterdijk), todo olhar para uma pretensão de massa como sujeito deve se voltar

tensamente suspeito. Sloterdijk, contudo, atesta que há uma boa parte de filósofos e sociólogos que desviam o olhar dessa característica, alimentando ainda o desejo de uma massa como sujeito através de bajulações. Contra essa tendência, ele apresenta o sociólogo Elias Canetti, autor de *Massa e Poder*, um dos poucos a fazer uma fenomenologia das massas e dizer com coragem o que para muitos parecia ser uma verdade desconcertante.

A ele se deve o livro mais duro e engenhoso deste século a respeito da sociedade e dos homens, *Massa e poder*, uma obra que, desde a sua publicação em 1960, desperta desconfiança, desprezo e silêncio na maior parte dos sociólogos e filósofos sociais, porque se baseia na recusa de fazer o que sociólogos *ex officio* e quase sem exceção fazem, a saber, adular, sob forma de crítica, a sociedade atual, o seu objeto, que é ao mesmo tempo a sua cliente. (SLOTERDIJK, 2002, p. 13)

Para Sloterdijk, a sociedade de massa da primeira metade do século XX, tal como foi diagnosticada por Canetti, é ao mesmo tempo uma demonstração da impossibilidade de uma massa enquanto sujeito. A massa descrita por Canetti é a massa ainda moderna, a qual Sloterdijk denomina massa-ajuntamento. Esta massa é caracterizada pela homogeneidade, pois “*de repente tudo fica preto de gente*”. Sloterdijk toma de empréstimo essa expressão de Canetti para ilustrar através do pretume visual o conceito de massa moderna como aquela arrebatada por excitações políticas comuns⁴. Sloterdijk observa que o olhar fenomenológico de Canetti se volta para a massa mesma a fim de dizer como ela se comporta quando se ajunta enquanto tal.

É a massa mesma ajuntada que é incompatível com o projeto moderno do bom funcionamento do todo, pois ela se unifica por forças psicopolíticas irracionais, movidas pelo narcisismo coletivo alimentado pelo reconhecimento demagogo dos seus líderes bajuladores. Em suma, a massa reunida é violenta e desinibida, ela vê em seus líderes fascistas o pretexto de sua descarga.

A expressão “massa” nas exposições de Canetti passa a ser um termo que articula o bloqueio da subjetividade no momento da sua própria realização

⁴ Ver-se-á que essa capacidade de ajuntamento político já não é presente na massa pós-moderna. Se a massa moderna é reconhecida pelo pretume de gente, a massa pós-moderna é a colorida, pois ela se encontra fragmentada em hordas entretidas pelos meios de comunicação.

– razão pela qual a massa, compreendida como massa-ajuntamento, não pode ser encontrada em outro lugar senão no estado de pseudo-emancipação e da semi-subjetividade - [...] (SLOTERDIJK, 2002, p. 16-17)

É a massa mesma, enquanto tal, que não pode ser sujeito. Esta verdade foi evitada pela antropologia da natureza humana acessível a todos. Mas a massa se movimenta em um ritmo próprio que envolve e corrompe todas as boas intensões das comunidades teorizantes. Ela elege como líder político-espiritual alguém que de alguma maneira não é distinto dela verticalmente. Um exemplo disso foi a ascensão e o prestígio de Hitler na Alemanha. Nesta ocasião, a massa era um reflexo dele, e ele um reflexo da massa. Para Sloterdijk,

A aptidão de Hitler para o seu papel no psicodrama alemão não se baseava em capacidades incomuns ou carismas brilhando ao longe, mas em sua vulgaridade inatingivelmente evidente e na disposição resultante de berrar do fundo da alma para as grandes multidões. (SLOTERDIJK, 2002, p. 29-30).

Portanto, o fim do projeto moderno da massa enquanto sujeito é a constatação que a massa tem o seu próprio movimento, um movimento que despreza os seus desprezadores e glorifica os seus bajuladores. A ideia de sujeito, tal como é concebida pela modernidade, é para a massa uma contramão. Quem participa do arrebatamento massificado e é dela um átomo, não age tendo em vista uma visão coerente do todo e de sua função enquanto parte; ao contrário, são forças psicopolíticas que aí operam, envolvendo narcisismo, reconhecimento, bajulação e violência.

O RENASCIMENTO DA SOCIEDADE DAS HORDAS NA PÓS-MODERNIDADE

Após ocorrer o fim do projeto da massa enquanto sujeito nos totalitarismos, desvelou-se a face oculta da massa. Contudo, Sloterdijk afirma que com a ascensão dos meios de comunicação de massa, iniciou-se uma nova maneira de ser com os outros na multidão. Acontece que a massa atual já não é mais a mesma do tempo de Cannetti, pois

ela não é mais capaz de ajuntamento político, perdeu a natureza pulsante e não grita mais em conjunto. A massa com as configurações pós-modernas é caracterizada por interesses bastante próprios, pelo pluralismo e pela fragmentação, é uma massa colorida que se reúne não mais pelos contextos políticos, pois está ligada previamente e virtualmente pelos meios de comunicação de massa:

As massas atuais pararam essencialmente de ser massas de reuniões e ajuntamentos; elas entraram num regime no qual o caráter de massa não se expressa mais na reunião física, mas na participação de meios de comunicação de massa. Por isso os muitos não mais “pupulam”, “apenas fluem livremente”. (SLOTERDIJK, 2002, p. 20)

A massa orientada pelos meios de comunicação substitui assim o interesse de política total da modernidade pelas experiências estéticas pós-modernas. Estas experiências encontradas nos discursos, nos hits do momento, nos programas, nas celebridades, que fragmentam a massa em hordas, dão o tom colorido, em contraste com o pretume da massa moderna. “*Entretanto, as massas de mídia, sob influência das mídias de massa, tornaram-se massas coloridas e moleculares.*” (SLOTERDIJK, 2002, p. 23). Estas experiências se reconhecem em espaços bem próprios e limitados:

Seu estado correspondente ao de um grupo gaseiforme, cujas partículas oscilam cada uma por si em espaços próprios, com respectivas cargas próprios de força de desejo e negatividade pré-política, e cada uma por si resistindo diante dos receptores de programa, renovando a dedicação à tentativa solitária de elevar-se ou divertir-se. (SLOTERDIJK, 2002, p. 21)

Para Sloterdijk, fim do projeto da massa enquanto sujeito com a ascensão das hordas orientadas pelos meios de comunicação tem correspondido a um estado pós-político ou hiperpolítica que resgata, de uma maneira atávica, formas de estar junto anteriores à política clássica. Em seu ensaio *No mesmo barco*, Sloterdijk faz uma classificação da história política, dividindo-a em três estágios: a *paleopolítica*, a *política clássica* e a *hiperpolítica*. Para que se compreenda como funciona a psicopolítica pós-moderna, ou até mesmo o seu arcaísmo, é necessário detalhar os elementos dessa divisão. Ver-se-á que existe algo que aproxima a paleopolítica pré-histórica da hiperpolítica pós-

histórica: é o fato de que em ambas existem grupos cujos espaços e linguagens bem delimitados vivem alheios às pretensões clássicas de poder.

Por *paleopolítica*, Sloterdijk compreende a “política” dos tempos pré-históricos, onde os seres humanos exerciam as suas atividades de caça e colheita, numa vida ainda nômade. O traço principal é que pequenos grupos de seres humanos se mantinham uns juntos aos outros no interior das hordas. É necessário entender, porém, que essas hordas não eram produções das pessoas, mas as pessoas é que eram produzidas no interior das hordas. Metaforicamente, as hordas eram como fornos ou incubadoras que produziam seres humanos que se produziam a si mesmos através de exercícios antropotécnicos contínuos. Esses exercícios visavam o aperfeiçoamento do homem pelo homem através do aumento do grau de dificuldade para os infantes: *“Paleopolítica é o milagre da repetição do homem pelo homem. Ela é adquirida e praticada num ambiente que parece querer de certa forma dificultar às pessoas a arte de repetir-se nas crianças.”* (SLOTERDIJK, 1999, p. 20). Desta forma, nas hordas a humanidade viveu por milhares de anos transmitindo aos descendentes mutações e qualidades cada vez mais exuberantes e arriscadas, uma vez que o homem, tal como conhecemos historicamente, não foi um milagre.

Contudo, outro fator importante é que as hordas se constituíam como esferas imunológicas que protegiam os corpos humanos da pressão da Natureza e do desconhecido: todos eram transparentes entre si e cooperantes. É como se a realidade da horda fosse mais verdadeira⁵ que os seus próprios membros: *“como seres pertencentes a uma horda, as pessoas, a princípio e na maioria das vezes, são partícipes de uma horda essencial que, como na visão platônica, é um grau “mais real”.*” (SLOTERDIJK, 1999, p. 25). Em outras palavras, a convivência em hordas correspondia ao estar habituado à linguagem e ao significado que ecoa para si mesmo dentro duma esfera, não cedendo assim sua integridade para o estranho; ao contrário, tudo o que vinha a ser estranho era apropriado e ressignificado pela horda fechada em si mesma.

Junto com o término da vida nômade, com o advento da técnica da agricultura, da cartografia e da escrita, nasce então o que Sloterdijk chama de *política clássica*. A política

⁵ Entender verdadeiro como clareira do ser em Heidegger. Sloterdijk recebe essa decisiva influência de Heidegger.

clássica tem como objetivo quase o impossível: repetir a arte de estar junto das pequenas hordas agora num Grande constituído por milhares e até milhões de pessoas. A grande dificuldade dessa política, diz Sloterdijk, é não deixar a tarefa bem executada pelas hordas, esta do aperfeiçoamento e a repetição do homem pelo homem por incubadoras seletivas, da imunologia e antropotécnica, se perder. Tal dificuldade existe justamente porque a política tem diante de si algo muito maior: as hordas nelas se dissolvem e se transformam, por exemplo, em cidade, impérios, e enfim, na civilização. A questão é: como organizar esse Grande e fazer seus componentes se sentirem cooptados como no pequeno arcaico?

Em suma: a política clássica consiste no advento dos impérios e sob sua responsabilidade está a tarefa de bem governar o Grande: *“Política é a arte de organizar laços ou forças de ligação que abrangem grandes grupos de até milhões de membros, e para além disso numa esfera de elementos comuns”* (SLOTERDIJK, 1999, p. 32). Porém, concomitante a essa política, Sloterdijk aponta que nascem os eremitas, os monges e os ascetas, enquanto personalidades que apontam para uma possível fuga dessa vida. Contrário a eles, por outro lado, surgem estão seres pensantes que propõem doutrinas do ser, na busca pela organização e sistematização do Grande. Estes, por sua vez, são de dois tipos: os megalomaniacos e os megalopatas. Os megalomaniacos são os grandes especuladores, imiscuem questões em relação ao Grande, mas logo o abandona; os megalopatas, por outro lado, ao pensar como poderia ser o Grande, não o abandona, tenta materializá-lo maniacamente, como foi o caso de Alexandre da Macedônia:

A filosofia grega é, de fato, assim como seus equivalentes chinês e hindu, uma disciplina megalômana; sua preocupação é justamente eliminar o fator maníaco próprio de práticas mais antigas de sabedoria, a fim de tornar-se sensata na escola do Grande, o que permite a reflexão. Pode ser que Alexandre da Macedônia perseguisse uma política maníaca, estimulado pelo êxtase de poder corresponder à enormidade do espaço geográfico oriental através de ações militares e obras políticas; como grande homem, quis preencher o Grande, como se estimulasse por uma auto expansão maníaca. (SLOTERDIJK, 1999, p. 34)

Portanto, assim se dá a política clássica e suas tarefas megalopatas quase impossíveis em comparação com o mundo das hordas fechadas em si mesmas e excelentes no possível. Para essa política, foi necessária a produção de homens destinados ao Grande através dos “*atletismos de Estado*”. “*Como nos tornamos faraó, como nos tornamos pontifex maximus, como nos tornamos rajá, como nos tornamos César? Como cônsul, senador, imperador?*” (SLOTERDIJK, 1999, p. 37). Para Sloterdijk, é através de diversas despedidas da infância, de adestramentos e treinamentos que arrancam o sujeito de sua familiaridade e o endurece, fortalecendo-o para o Grande. (SLOTERDIJK, 1999). Este atleta do Estado teria como dever o convencimento de milhares ou milhões de indivíduos da era agrícola a fazer parte do Grande como se este fosse uma grande horda.

Para Sloterdijk, o mundo globalizado e midiático da sociedade industrial já ultrapassou a política clássica e agrícola do Grande e adentrou a *hiperpolítica*. Assim, o fracasso do projeto moderno da massa enquanto sujeito foi o selamento da impossibilidade do Grande manter a coerência das hordas ao nível das massas modernas. Esta impossibilidade foi vivenciada, por exemplo, no totalitarismo.

A tensão de fazer a massa moderna participar do Grande foi tanta que ela falhou nessa tarefa e se fragmentou novamente em hordas, fazendo renascer os tempos da paleopolítica. O que Sloterdijk denomina hiperpolítica é o terceiro estágio da história do estar junto. É essa relação entre as hordas que se dá pelos meios de comunicação de massa. Nesses meios, não se visa gerenciar as hordas pós-modernas tendo em vista um Grande, mas apenas possibilita que elas tenham acesso a manifestações distantes, isto é, que tenham uma vida nômade: “*O velho e bom cosmopolitismo se transforma num nomadismo cosmopatia – para os membros da hiper-civilização, a terra se torna um estágio no qual a reformatação da alma deve ser treinada no novo mundo sincrônico.*” (SLOTERDIJK, 1999, p. 62)

Os participantes destas novas hordas vivem desta maneira um estágio pós-político. Até os políticos, que aparecem na TV nos anos eleitorais, não são mais os clássicos “*atletas de Estado*” de antigamente, não se reconhecem como gerentes do Grande, pois são eles também parte da massa. Por causa disso, os remanescentes do pensar clássico (que nesse contexto vivem marginalmente) acusam os participantes das novas hordas de “*associais*”,

“apolíticos” ou “alienados”, embora estes termos não consigam compreender verdadeiramente a condição pós-moderna a partir dela mesma sem os pré-conceitos clássicos:

Números continuamente crescentes de indivíduos sozinhos navegam, em virtude da lógica da sociedade industrial, para uma solidão secundária entre os seus, e de cuja qualidade expressões moralmente carregadas como “apolítico” ou “associal” não dão a menor ideia. (SLOTERDIJK, 1999, p. 86)

Portanto, no início da era industrial, a política clássica não compreendeu historicamente os tempos modernos à maneira da hiperpolítica, ou seja, ela só poderia compreender a situação a partir de si mesma, por exemplo, tentando gerir o Grande industrial à maneira agrícola. Desse modo, os ditos revolucionários que militaram por uma política Grande em plena era industrial não foram, a rigor, revolucionários, apenas corresponderam a uma visão surgida na era agrária; eram, em vez disso, conservadores. O erro das ideologias modernas foi ter projetado na sociedade industrial formas de governo ultrapassadas e incompatível com ela:

A política do industrialismo se destaca sobretudo por não ter ela mesma conseguido inicialmente entender sua própria modernidade – motivo por que muito tempo fez perdurar as categorias políticas da era agrária nas épocas pós-agrária. Os dois monstros políticos de nosso século, o fascismo e leninismo-stalinismo, surgiram de tais atrasos políticos. (SLOTERDIJK, 1999, p.79-80)

Em suma, o projeto moderno da massa como sujeito falhou porque ele não pôde transformar a massa moderna no Grande senão através do totalitarismo, visto à própria natureza da massa. Desse modo, a ascensão da sociedade de hordas pós-modernas é a maneira hiperpolítica de envolver as massas, é a que de fato corresponde à sociedade industrial enquanto tal. Nela, o todo se tornou de tal modo expandido que não se o tem mais no horizonte, restando-nos o tráfego indefinido guiado pelas mídias de massa. Na terceira etapa da arte de estar junto, seres humanos revivem modos de ser pré-históricos dentro de seus próprios edifícios e transações internacionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, conclui-se que o projeto moderno, de uma massa esclarecida e organizada, chega ao final com a própria tentativa de sua realização. Esta tentativa esteve presente nos ajuntamentos políticos das massas da primeira metade do século XX. Trata-se dos eventos do fascismo, nazismo, stalinismo-leninismo. Nessas ocasiões, as massas se reuniram, e, contra o esperado moderno, desvelaram-se como forças desinibidas das mais perigosas da história. Finalmente foi demonstrada a impossibilidade do projeto de uma massa enquanto sujeito. A multidão, ela mesma, é que psicopoliticamente não pôde pensar por si mesma, antes se arrebatava e glorificava os seus representantes bajuladores e megalopatas. O projeto moderno fracassou, pois seu material humano, a massa, se mostrou fenomenologicamente como algo fora do domínio político clássico.

Porém, após o fim dos fascismos e o advento dos meios de comunicação de massa, a massa moderna foi sendo substituída pela pós-moderna, sem capacidade de ajuntamento político. Esta nova massa, totalmente habituada à sociedade industrial, revelou-se com algumas características bem próprias: o desinteresse político, o nomadismo e a organização em hordas. O desinteresse político não se deu, porém, meramente por idiosincrasias ditas “alienadas”, “apolíticas” ou “associais”; o desinteresse deve ser compreendido, isto sim, como consequência da hiperpolítica e da globalização. Diferente do tempo clássico, o sujeito pós-moderno sabe que seu raio de alcance político é bem limitado pelo seu espaço, e sabe que não vale mais a pena se sacrificar em nome de uma vontade geral. Esse raio de alcance limitado leva à segunda característica da massa: o nomadismo. A globalização e os meios de comunicação de massa desenraizaram o sujeito, e o todo do qual participam se tornou maior que suas possibilidades, e por isso sua existência passou a ser marcada pelas andanças e descobertas, através de um verdadeiro nomadismo. Por fim, assim há o renascimento da organização social em hordas, pois esses sujeitos que vagueiam pelo globo não são sozinhos, mas acompanhados com os seus, pela intimidade que os une e os signos comuns que perpassam as suas subjetividades.

REFERÊNCIAS

SLOTERDIJK, P. **O desprezo das massas**. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Liberdade, 2002.

_____. **No mesmo barco**. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.